

em homenagem a janete costa

Uma vez eu li que a raiz etimológica de “decoreção” tem a ver com coração. Se não é vero, é bene trovato, diriam os italianos. Lembro esse dito na coluna de um mês dedicado à decoração para lembrar quem a meu ver foi a maior decoradora do Brasil até hoje: a pernambucana Janete Costa. Ela foi grande justamente por tecer ao longo de seis décadas de estrada uma obra calcada em seu coração e que estabelecia uma conexão direta com o coração das outras pessoas.

Nascida em Garanhuns em 1932, Janete formou-se em arquitetura na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1961. Extremamente fértil e excepcionalmente rápida, gestou mais de 3.000 projetos – muitas centenas de casas e muitas dezenas de hotéis, além de bibliotecas, museus, restaurantes, teatros, palácios de governo etc.

Ao contrário de muitos arquitetos para os quais a própria palavra “decoreção” mais parece um xingamento – do tipo: “o trabalho do fulano é mera decoração” –, Janete se orgulhava do termo. Dizia que gostava de ir até a maçã em cima da mesa – uma figura de linguagem usada para tornar clara a sua obsessão por todos os detalhes que compõem um ambiente. Entendia a arquitetura em sua inteireza: do prédio, o invólucro, a volumetria em contato com o espaço urbano, até o interior das edificações, campo ao que se dedicou por entender que a relação do ser humano com a arquitetura se dá essencialmente por meio dos interiores. É ali que, para ela, se estabelece, de verdade, o abrigo. Formou uma dupla fantástica com o marido, o arquiteto Acácio Gil Borsoi.

Entrevistei-a em meados dos anos 1980 para a revista *Design & Interiores*, que eu então editava. A partir daí, tornamo-nos amigas e tive o privilégio de prolongada convivência. Me impressionava não só o seu profundo conhecimento de artes visuais e de design de produto – que ela considerava imprescindíveis para exercer bem o ofício de arquiteta de interiores –, mas também a forma com que introduzia seus clientes nesses universos, praticamente pegando na mão deles e os apresentando para as obras de artistas e designers que admirava. À medida em que aumentava o repertório visual dos clientes, ela se tornava uma verdadeira educadora.

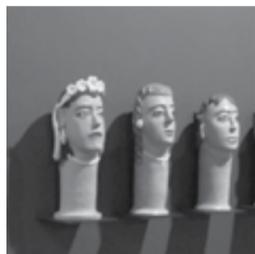
Pude acompanhar com alegria alguns desses processos de aprendizagens, e pude eu mesma aprender com ela. E uma das coisas

que eu mais aprendi foi a conhecer e respeitar as obras de nossos artistas e artesãos que, à falta de melhor adjetivo, são chamados de “populares”. Ela rejeitava a oposição erudito x popular, frequentemente traduzida em fine arts x arte de segunda categoria. Não tinha uma visão hierarquizada da cultura. Estava interessada em qualidade, que podia encontrar tanto na “alta” cultura como na “baixa”. Mas não escondia a sua verdadeira predileção pelos artistas e artesãos sem instrução que conhecia em suas andanças pelo país e que passava praticamente a “adotar”, comprando compulsivamente para as suas casas e de seus familiares, para as casas de seus clientes e para as exposições maravilhosas que fazia.

No mês passado fui visitar a Fenearte, uma das maiores feiras de artesanato do país, em Recife, e ali pude testemunhar a verdadeira adoração que seus conterrâneos continuam a dedicar a ela. Janete criou em 2000 o Espaço Interferências, na entrada da feira, em que criava ambientes utilizando objetos ali expostos. Ao deslocar as peças dos estandes atulhados para um espaço sofisticado propiciava uma mudança de olhar do público. A partir de seu falecimento, em 2007, a iniciativa de montar esse espaço coube à sua filha Roberta Borsoi e à designer Bete Paes. Fiquei feliz de fazer uma palestra nesse local em que “cai a ficha” do público para a beleza e o refinamento de nosso artesanato.

Em entrevista à *Bamboo* de setembro passado, a toda-poderosa trend setter holandesa Li Edelkoort disse que o hemisfério sul precisa crescer e se livrar das amarras da cultura do norte. “Por que não abraçar o fato de que no hemisfério sul os elementos tribais, as estampas e os rituais sempre existem e que as coisas são misturadas de uma forma diferente do que são no norte?”, nos perguntava. “Olhem para vocês mesmos, explorem a sua própria cultura”, afirmava Li.

Muitos nomes profetizaram esse caminho. Lina Bardi foi uma delas, e recentemente o mundo passou a prestar mais atenção a seu legado. Está na hora de dedicar a Janete o reconhecimento por uma trajetória que ajuda a impulsionar a nossa hoje, em nosso país, e sobretudo a gestar um design que, qualquer que seja a sua especialidade – interiores, produto, gráfico etc. –, ressoe os nossos corações e, assim, possa falar ao mundo.



‘a arquiteta rejeitava a oposição entre erudito e popular e não escondia a sua predileção pelos artistas e artesãos sem instrução’



Fertilidade

A arquiteta Janete Costa (ao lado) gestou mais de 3.000 projetos residenciais e comerciais, e foi curadora de muitas exposições com peças produzidas por artesãos brasileiros. Acima, detalhes da mostra *Criação Popular Brasileira*, de 2006, para o Santander Cultural, em Porto Alegre.